

SEMANA 13 – A CRASE NA REDAÇÃO

Uma dúvida que atrapalha a vida de muita gente é saber quando colocar o acento grave (`), popularmente conhecido como crase, sobre uma vogal a. Começemos, primeiramente, a entender o que significa crase. Crase é a fusão de duas vogais iguais em uma só vogal. Isso aconteceu, historicamente, em várias palavras da língua portuguesa. Uma palavra como cor, por exemplo, era pronunciada em Portugal, lá pelo século XII, color.

Tempos depois, desapareceu o l, e a pronúncia passou a ser coor. Mais algum tempo, lá pelo século XIV, houve a fusão ou crase dos dois os e ficamos com a forma atual cor. Apesar disso, temos ainda hoje o adjetivo colorido, em que subsiste a antiga forma color. A crase de que vamos tratar, entretanto, não acontece dentro de uma palavra, mas entre uma palavra e outra dentro de uma frase, quando duas vogais as se encontram em circunstâncias especiais. Imaginemos, inicialmente, uma frase como:

Fátima deu um presente a o namorado.

À primeira vista, você pode pensar que houve um erro de digitação, deixando a preposição a separada do artigo o e sugeriria que isso fosse consertado da seguinte maneira:

Fátima deu um presente ao namorado.

De fato, você tem razão! A preposição a e o artigo o, quando se encontram juntos em uma frase, formam uma unidade fonética e isso é representado na escrita, escrevendo ambos em uma só palavra. Mas, e se em vez do artigo o, nós tivéssemos o artigo a? Será que escreveríamos alguma coisa como: "Fátima deu um presente aa irmã mais nova". (?)

Sabemos que não. O que acontece é justamente a crase. Os dois as se reduzem foneticamente a um só e, para assinalar esse fato na escrita, colocamos sobre o a restante um acento grave: "Fátima deu um presente à irmã mais nova". É por esse motivo que não tem muito cabimento falar em emprego da crase. O certo é falar em EMPREGO DO ACENTO GRAVE PARA INDICAR CRASE.

De tudo isso que foi dito, podemos concluir que esse acento grave somente é utilizado quando duas condições necessárias estiverem presentes:

1ª condição: existir uma palavra, à esquerda do a, que exija a preposição a;

2ª condição: existir uma vogal a, à direita dessa preposição, normalmente representada pelo artigo a.

Outros exemplos:

Ceda à tentação; pode ser que ela não apareça outra vez.

A felicidade não é o pão, mas o sonho que se oferece às pessoas.

Nesses dois exemplos, tanto o verbo ceder quanto oferecer exigem a preposição a: quem cede cede a algo ou a alguém; quem oferece algo oferece a alguém. A primeira condição está, pois, preenchida.

Por outro lado, os substantivos tentação e pessoas são femininos e admitem o artigo a. Temos, portanto, também a segunda condição preenchida. Logo, temos crase e, por isso, o acento grave da crase.

A segunda condição pode ser preenchida também pela primeira vogal do pronome demonstrativo aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo, como em: "*Enviei convites àqueles professores de inglês*". Ninguém diria ou escreveria "Enviei convites a aqueles professores de inglês".

Podemos, neste momento, concluir que **não existe crase** e, portanto, acento grave antes de:

a) substantivo masculino: "Os povos antigos andavam a cavalo". "Muitas lojas vendem a prazo".

b) verbo: "Ela continuava a examinar os relatórios".

c) artigo indefinido: "Ontem, fui a uma festa".

d) expressões de tratamento como Vossa Excelência, Vossa Senhoria: "Escrevi uma carta a Vossa Excelência".

De fato, nunca ouvimos, por exemplo, um deputado dizer a outro em plenário uma frase como: "A Vossa Excelência permite um aparte?" Ele diria, sim, "Vossa Excelência permite um aparte?" Em todos esses casos está faltando a segunda condição.

A mesma coisa acontece com a palavra terra com significado oposto a bordo. Os marinheiros que ficavam no alto do mastro de uma embarcação, quando avistavam terra, diziam – “Terra à vista!” e não – “A terra à vista!” Logo, teremos de escrever “Os marinheiros desceram a terra”, sem o acento grave da crase, já que terra, nesse sentido, não admite o artigo *a*.

Às vezes, a segunda condição é facultativa. Isso acontece com os substantivos próprios femininos que nomeiam pessoas e com os pronomes possessivos. Antes dessas palavras, o artigo definido é facultativo. Tanto podemos dizer “Vera é uma excelente garota”, como “A Vera é uma excelente garota”. Podemos dizer igualmente “Sua tia telefonou ontem” ou “A sua tia telefonou ontem”. Por esse motivo, podemos escrever, igualmente:

Enviei uma carta a Vera. (somente preposição)

Enviei uma carta à Vera. (preposição + artigo)

Telefonei ontem a sua tia. (somente preposição)

Telefonei ontem à sua tia. (preposição + artigo)

Algumas vezes, a segunda condição, embora não exista em situações normais, pode passar a existir. Ninguém diz, por exemplo: “Vim da casa agora”, mas “Vim de casa agora”, ou seja, a palavra casa, no sentido de lar onde moramos, não admite o uso do artigo.

Por esse motivo, dizemos “Voltei a casa, para pegar minha pasta”, sem o acento grave da crase. Basta, entretanto, que essa palavra apareça modificada por uma expressão, para passar a admitir artigo e, em consequência disso, admitir o acento da crase, como ocorre em: “Hoje fui à casa da Débora”.

A mesma coisa acontece com os nomes de países e cidades. Alguns substantivos como Brasília, nome da nossa capital, não admitem artigo. Dizemos “Brasília foi construída nos anos cinquenta” e não “A Brasília foi construída nos anos cinquenta”. Por esse motivo, diremos “Vou a Brasília”, sem acento grave de crase.

Já Bahia admite artigo. Dizemos “A Bahia foi invadida pelos holandeses, no século XVI” e não “Bahia foi invadida pelos holandeses no século XVI”. Por esse motivo, diremos “Vou à Bahia”.

Mas, se modificarmos Brasília por uma expressão qualquer, esse substantivo passará a admitir artigo. Podemos dizer, por exemplo: “A Brasília de JK era bem menor que a atual”, mas nunca “Brasília de JK era bem menor que a atual”. Logo, teremos de escrever: “**Em 1961, fui à Brasília de JK**”.

Outro caso semelhante é o da palavra distância que, se estiver sozinha, não admite artigo, mas, se estiver modificada por uma expressão que esclareça a distância, passa a admiti-lo, preenchendo a segunda condição para o acento da crase.

Diremos, portanto: “Ensino a distância”, “Vi um suspeito a distância”, mas “Vi um suspeito à distância de 100 metros”. Afinal, dizemos: “O bar fica a 20m de distância”, e não a 20m da distância (palavra distância não modificada), mas dizemos “O bar fica a 20m da distância curta a ser percorrida por você” (palavra distância modificada).

Existe crase e, conseqüentemente, o acento da crase, em locuções femininas como: à noite, à toa, à custa de, às três horas, à uma hora, à vista.

OBSERVAÇÕES: O uma de uma hora não é artigo indefinido, mas numeral como em “A (art.) uma (num.) hora que você me reservou no dentista não foi suficiente”. Por isso, pode ser precedido do artigo *a*, provocando a existência da segunda condição da crase.

Toa é um substantivo feminino que nomeia o cabo que reboca uma embarcação. A embarcação rebocada navega, pois, à toa, ou seja, sem destino próprio, dependendo da direção do barco que a reboca.

Quando alguém diz que “está à toa”, faz uso de uma metáfora, com o objetivo de dizer que está sem rumo definido, que está sem fazer nada. O motivo pelo qual utilizamos o acento da crase em à toa é, pois, o fato de toa ser uma palavra feminino que admite artigo, preenchendo, assim, a segunda condição necessária para a existência da crase.

Alguns autores não concordam com o emprego do acento da crase na locução à vista, argumentando que, embora vista seja uma palavra feminina, o seu oposto, prazo, na locução a prazo, não admite artigo. De fato, ninguém diz pagar ao prazo e sim pagar a prazo.

Em à vista, entretanto, o que temos, do ponto de vista cognitivo, é o resultado da redução de uma expressão complexa como comprar ou pagar alguma coisa à vista dessa coisa. Certamente, por economia, em vez de dizer paguei o carro à vista dele, ou comprei essa mesa à vista dela, os falantes optaram por omitir o complemento (complemento

nominal) de vista, uma vez que era facilmente recuperado pelo contexto. Trata-se de um procedimento bastante comum em língua portuguesa, como podemos ver nos exemplos:

A mochila destina-se às mudas [de roupa] para a viagem.

Esse pássaro é muito sensível à muda [das penas].

Refiro-me às baixas emissões [de gases poluentes] dos motores atuais.

Embora não verbalizado na expressão à vista, o complemento omitido constitui uma modificação da palavra vista. É claro que os falantes de hoje nem pensam mais nisso, mas não importa. Sintaticamente, fica licenciado o artigo definido a, antes de vista, segunda condição para o emprego do acento da crase. Pagar alguma coisa à vista equivale a pagar a (prep) a (art) vista [dessa coisa]. Algumas vezes, uma outra parte dessas locuções se acha omitida, mas, apesar disso, mantemos o acento da crase como em: “Comemos camarão à grega” (= Comemos camarão à (moda) grega.)